

João Lúcio de Azevedo

Criador: Zorek, Bruno

Relação:

Instituto de História
Contemporânea, Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas da
Universidade NOVA de Lisboa /
IN2PAST — Laboratório Associado
para a Investigação e Inovação
em Património, Artes,
Sustentabilidade e Território

Data de

Emissão: 7-11-2024

Etiquetas:

ciclos económicos, circulação
intelectual, historiografia,
historiografia brasileira,
historiografia portuguesa, João
Lúcio de Azevedo

Citação:

Zorek, Bruno, "João Lúcio de
Azevedo," *Connecting
Portuguese History*,



Fotografia de João Lúcio de Azevedo, *Ilustração Portuguesa*, 9 de Agosto de 1909, Nº181, p. 170. Hemeroteca Municipal de Lisboa

Resumo

A trajetória intelectual do historiador João Lúcio de Azevedo (1855-1933) – incluindo a memorialística que continua até os dias de hoje, quase 100 anos após seu falecimento – é marcada por constantes conexões transnacionais. As trocas que Azevedo estabeleceu com intelectuais portugueses, brasileiros e de outras origens fizeram dele um elemento ímpar de articulação e promoção da produção do conhecimento histórico nas primeiras décadas do século XX, especialmente no Brasil e em Portugal. Nesse sentido, merece destaque a dimensão pragmática e material de sua atuação, que facilitava a circulação de livros e documentos entre os dois países – um aspecto decisivo para que as pesquisas históricas fossem possíveis naquele contexto. Contudo, mais importante do ponto de vista epistemológico, foi a elaboração e o desenvolvimento da "teoria dos ciclos", iniciada pelo historiador e continuada por diversos intelectuais subsequentes, pautando o pensamento econômico brasileiro do século XX.

Descrição

Azevedo nasceu em Sintra, em 1855. Passou por diversas instituições escolares, até se inscrever no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, obtendo o diploma de comerciante em 1872 (Rodrigues 1999: 39). Nada indica que sua família tivesse posses, embora pelo menos um de seus tios fosse um empresário de relativo sucesso no Brasil (Bastos 2013: 271). Independentemente das condições materiais em que vivia, Azevedo fazia parte da fração privilegiada da sociedade portuguesa com acesso à educação

formal, dado que, até a década de 1890, mais de ¾ da população adulta ou em idade escolar não sabia ler nem escrever (Silva 1993: 101).

Em 1873, com apenas 18 anos de idade e o diploma recém-obtido, Azevedo atravessou o Atlântico para desembarcar em Belém do Pará, no norte do Brasil. Teria feito a viagem para trabalhar na empresa daquele tio, que se dedicava à exploração de borracha e à navegação fluvial. Contudo, em vez disso, conseguiu um emprego como caixeiro na importante Livraria Tavares Cardoso, que era administrada por dois irmãos portugueses e que, por isso, fazia parte das referências da comunidade lusitana local, além de ser um ponto de encontro da elite letrada paraense (Barata 2016: 1; Almeida Pina 2015: 45; Corrêa Filho 1955: 425). Ao fim de alguns anos, quando os donos originais retornaram ao seu país natal, Azevedo tornou-se proprietário da livraria e consolidou seu lugar no mundo intelectual belenense (Bastos 2013: 271; Almeida Pina 2015: 45). Em 1880, casou-se com sua prima, Ana da Conceição Botelho, com quem teve três filhos (Barata 2016: 1). O tio (e sogro) acabou por falecer em 1885, deixando os negócios sob a responsabilidade do sobrinho e genro, o que forçou Azevedo a naturalizar-se brasileiro – exigência da legislação então vigente para que pudesse assumir as empresas recém-herdadas (Rodrigues 1999: 40; Bastos 2013: 271).

Os rendimentos da livraria e dos negócios de navegação fluvial e extração de borracha enriqueceram João Lúcio de Azevedo e sua família (Bastos 2013: 271). O conforto garantido pelos negócios permitiu, inclusive, que Azevedo passasse a dedicar parte de seu tempo a outras atividades. Foi a partir de então que o livreiro e empresário começou a estudar história e a escrever a respeito. Seu interesse inicial estava ligado ao estabelecimento dos portugueses na região amazônica, com destaque para as ações dos jesuítas do Pará e as políticas do Marquês de Pombal para o Grão-Pará e Maranhão – temas que, como Ana Luíza Bastos assinala, voltariam a aparecer mais tarde, em sua produção madura (Bastos 2013: 271).

Os primeiros trabalhos de Azevedo foram publicados na imprensa local e, depois, reunidos em um volume intitulado *Estudos de História Paraense*. Este livro foi mobilizado pelos historiadores brasileiros José Veríssimo, José Luís Alvez e Tristão de Alencar Araripe como título de admissão de Azevedo para sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, condecoração que lhe foi concedida em 1894 (Corrêa Filho 1955: 425-6). José Veríssimo e, mais tarde, João Capistrano de Abreu se tornaram dois dos principais interlocutores de Azevedo – fato registrado pela intensa troca de correspondências entre eles (Batista 2008: 8-10) – e levaram os escritos do historiador luso-brasileiro a circular também no Rio de Janeiro, então capital

do Brasil e sua cidade mais importante.

Nesse contexto, João Lúcio de Azevedo já ocupava um lugar de relativa proeminência entre a elite letrada paraense. Além da atividade como livreiro, esteve por exemplo envolvido na criação do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Pará (IHGP), fazendo parte da comissão que estudou a viabilidade da instituição. Contudo, embora estivesse entre os sócios fundadores e a cadeira número 23 do Instituto até hoje carregue seu nome, Azevedo não participou ativamente do cotidiano do IHGP. Em 1900, o mesmo ano em que surgiu o Instituto, o historiador e sua família voltaram em definitivo para a Europa. Azevedo vendeu seus empreendimentos em Belém e, a partir de então, passou o restante da vida sustentado por esse dinheiro (Bastos 2013: 271). Além disso, o próprio IHGP não se mostrou viável. Depois de publicar três edições de sua revista, todas em 1900, o Instituto descontinuou suas atividades, que só seriam retomadas em 1917 (Cardoso 2013: 56).

Depois de viver alguns anos em Paris, Azevedo se estabeleceu em Lisboa e passou a se dedicar integralmente aos trabalhos históricos (Bastos 2013: 272). Escreveu, então, várias obras de relevo, como *Os jesuítas no Grão-Pará*, *A Evolução do Sebastianismo*, *História de António Vieira*, *História dos Cristãos-Novos Portugueses* e o importante *O Marquês de Pombal e a Sua Época*. Esses trabalhos, com destaque para o último, foram bem recebidos pela crítica portuguesa, que rapidamente incorporou Azevedo como parte da intelectualidade lisboeta (Barata 2016: 4). Além das próprias investigações, Azevedo colaborou frequentemente com historiadores brasileiros, sobretudo com a obtenção de documentos dos arquivos em Portugal que interessavam a seus colegas do outro lado do Atlântico (Batista 2008: 85-117). A atuação de Azevedo neste período fazia dele um importante ponto de contato entre as historiografias dos dois países, e não só como leitor, escritor e crítico, mas também como articulador de bastidores, com um trabalho que tinha influência direta na produção histórica daquele momento tanto lá quanto cá, especialmente, como já se chamou a atenção, pelo favorecimento da circulação de livros e documentos.

Na década de 1920, ao mesmo tempo em que começava a colaborar com órgãos de imprensa do integralismo lusitano, como a revista *Nação Portuguesa*, e refletia sobre o problema da alegada “decadência da cultura lusitana” (tal como percebido em alguns círculos intelectuais), Azevedo passou também a discutir a história econômica de Portugal (Barata 2016: 6; Bastos 2013: 275). Seu livro mais famoso, *Épocas de Portugal Económico*, publicado em 1929 – e que continua sendo objeto de discussão até hoje –,

sintetiza suas preocupações que, conforme nota Maria Themudo Barata, estavam organizadas em torno da noção de *época*:

Sabemos bem como, na apresentação das sínteses, os historiadores lançam mão de quadros e de sequências e a noção de *época* tem o papel particularizador de chamar a atenção para o homem no tempo, para a conjuntura, para o que é específico do tratamento de especialista na análise do particular sem descuidar o geral. [...] Subjacente à noção de *época* e para definir duas situações precisas, [Azevedo] usou, também, a noção de ciclo ao falar da Índia e do “ciclo da pimenta” e, sequentemente [...], do “primeiro ciclo do ouro”, sem esgotar com tal noção os recursos expositivos. (Barata 2016: 8)

A noção de ciclo, especificamente, recoloca Azevedo em circulação transnacional, pois Roberto Simonsen – importante industrial e historiador brasileiro – apropriou-se da ideia para elaborar a sua *História Econômica do Brasil*, publicada pela primeira vez em 1937. Para Simonsen, uma das chaves fundamentais de compreensão do desenvolvimento brasileiro estava em pensar a sua economia em função dos produtos que ao longo do tempo ocuparam o topo da pauta de exportações, bem como as atividades subsidiárias que davam sustentação à produção principal. Portanto, o Brasil teria passado pelo ciclo do açúcar, do ouro, do café etc., com subciclos do gado, de caça aos índios, de expansão territorial e outros, onde cada momento teria trazido algum elemento novo ao processo de integração e consolidação nacional (Simonsen 2005 [1937]). Simonsen reconhece a importância de Azevedo para a concepção de seu modelo explicativo da economia colonial brasileira, citando-o extensivamente.

Azevedo não chegou a ver as discussões que suas ideias provocaram na historiografia brasileira, pois faleceu em 1933, em Lisboa, antes mesmo de Simonsen escrever seu livro (Barata 2016: 7). Mas seu nome continuou a ser celebrado e invocado em momentos de reforço de laços institucionais entre Portugal e Brasil. No centenário de seu nascimento, em 1955, a Câmara Municipal de Lisboa organizou uma exposição em sua homenagem, no Palácio Galveias, enquanto o historiador Virgílio Corrêa Filho escrevia um texto laudatório sobre Azevedo que foi publicado na *Revista de História da Universidade de São Paulo* (Correia 2015; Corrêa Filho 1955). Mais recentemente, em 2017, a Universidade Federal do Pará e o Instituto Camões criaram em conjunto a cátedra João Lúcio de Azevedo, com o objetivo,

justamente, de promover uma maior cooperação entre universidades e instituições de pesquisa do Brasil e de Portugal, fazendo jus à memória de Azevedo como agente de articulação intelectual entre os dois países.

Referências

Almeida Pina, Paulo Simões de (2015). *Uma história de Saltimbanco: Os irmãos Teixeira, o comércio e a edição de livros em São Paulo, entre 1876 e 1929*. Dissertação de mestrado em História, Universidade de São Paulo.

Barata, Maria do Rosário Themudo (2016). "Azevedo, João Lúcio de (Sintra, 1855 - Lisboa, 1933)", em *Dicionário de Historiadores Portugueses. Da Academia Real Portuguesa ao final do Estado Novo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em:

<https://dichp.bnportugal.gov.pt/imagens/azevedo.pdf>

Bastos, Ana Luiza Marques (2013). "O historiador luso-brasileiro João Lúcio de Azevedo (1855-1933)", em José Jobson de Andrade Arruda, Vera Lucia Amaral Ferlini, Maria Izilda Santos de Matos & Fernando de Sousa (orgs.), *De colonos a imigrantes: I(E)migração portuguesa para o Brasil*. São Paulo: Alameda.

Batista, Paula Virgínia Pinheiro (2008). *Bastidores da escrita da história: A amizade epistolar entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo (1916-1927)*. Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal do Ceará.

Cardoso, Wanessa Carla Rodrigues (2013). *"Alma e Coração": O Instituto Histórico e Geográfico do Pará e a constituição do corpus disciplinar da História Escolar no Pará republicano (1900-1920)*. Dissertação de mestrado em Educação, Universidade Federal do Pará.

Corrêa Filho, Virgílio (1955). "João Lúcio de Azevedo. Historiador luso-brasileiro". *Revista de História da Universidade de São Paulo* v.11, n. 24, pp. 425-431.

Correia, Rita. "João Lúcio de Azevedo (1855-1933)" (2015). "Dossier" Digital. Lisboa: Hemeroteca Municipal de Lisboa.

<https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/efemerides/luciodeazevedo/LuciodeAzevedo.htm>.

Rodrigues, Antônio Edmilson Martins (1999). "O Achamento do Brasil e de

Portugal. Perfil intelectual do historiador luso-brasileiro João Lúcio de Azevedo". *Acervo* v.12, n.1-2 (Jan./Dez), pp. 37-66.

Silva, Francisco Ribeiro da (1993). "História da alfabetização em Portugal: fontes, métodos, resultados", em António Nóvoa & Julio Ruiz Berrio (orgs.), *A história da educação em Espanha e Portugal: investigações e actividades*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, pp. 101-121.

Simonsen, Roberto (2005 [1937]). *História econômica do Brasil: 1500-1820*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial.